

CONCURSO DE REDAÇÃO

Revista-Coletânea

Vitória, ES, 27 setembro de 2021



CENTRO EDUCACIONAL
LEONARDO DA VINCI

The background features a repeating geometric pattern of triangles in shades of light gray, dark gray, and reddish-brown, creating a complex, crystalline texture.

*Concurso
de
Redação*

Um cidadão crítico, reflexivo, empático, capaz de entender o seu entorno e consciente do seu papel na sociedade sofre determinante influência da sua formação e instrumentalização como leitor e escritor. O sujeito pensante é fruto daquilo que ele experimentou, seja no campo físico das suas vivências, seja no infinito campo literário.

Um texto de qualidade não surge de meras técnicas de escrita repetidas à exaustão, como receitas culinárias. A qualidade de um texto tem correlação direta com a inquietação humana, com a capacidade de construir e reconstruir saberes, mesclar o real com a ficção, transcender o físico e se deixar levar pela imaginação.

Com o deslocamento da centralidade do processo educativo para o aluno, em detrimento do professor, o desenvolvimento das competências e das habilidades do cidadão desejável inexoravelmente perpassam pela formação do leitor, repercutindo na sua capacidade de se expressar, seja no campo verbal, seja no campo escrito.

Com muita satisfação, compartilhamos com a Comunidade Davinciana alguns textos criados por nossos alunos, os quais se destacaram no Concurso de Redação de 2021.

Mais do que uma premiação, o Concurso de Redação é um estímulo à formação de cidadãos pensantes.

A Equipe do Centro Educacional Leonardo da Vinci

Jorge Luis Borges, o escritor argentino, certa vez afirmou que o paraíso deveria ser qualquer coisa como uma biblioteca. Certamente, em um mundo cujo valor da leitura e da escrita é apequenado, a frase de Borges não seria uma unanimidade. Não há dúvidas de que nosso tempo diluiu paulatinamente o valor da literatura e a retirou do centro da vida cultural. Somos uma sociedade sobretudo forjada pela experiência da oralidade e da visualidade. Como regra, são os textos pragmáticos, referenciais, mercantis, que encontram leitores. Leitores ávidos pelo valor instrucional de um conjunto de palavras que não encantam.

O texto criativo, por sua vez, o texto subjetivo, poético, lírico ou narrativo, subsiste nos pequenos grupos que, identificados a olhos nus, dentro de uma escola, são como um clã, uma família não declarada, um grupo silencioso, uma turminha cúmplice e fiel. Esses, fazendo coro com o escritor argentino, certamente não se incomodariam de nomear “paraíso” qualquer coisa como uma biblioteca.

Furando a regra, esses jovens leitores, a partir de certo momento, têm a imaginação fertilizada pelos livros que leram e experimentam criar seus próprios textos, suas próprias histórias. Experimentam dar corpo a singularidades: ao seu olhar, ao seu vocabulário, à sua sintaxe, às suas imagens. No Da Vinci, esses grupos não são poucos, e, mais uma vez, contrário ao que se impõem nestes tempos, temos vistos esses grupos crescerem e se multiplicarem.

A coletânea que você tem em mãos é o conjunto de textos com temas variados, mas que foram reunidos sob a égide de um único gênero, o narrativo. Dando vazão ao impulso criativo que reconhecemos e encorajamos, os alunos foram convidados a produzirem contos livremente. E a partir dos critérios de adequação ao gênero, coerência e inventividade, a equipe de professores de Língua Portuguesa selecionou três textos de cada uma das quatro níveis – a saber: nível I (6º ano), nível II (7º ano), nível III (8º e 9º anos), nível IV (Ensino Médio) – para constarem nessa revista. A fim de mantermos a autenticidade das obras, fizemos o mínimo de intervenções no corpo dos textos.

O que você tem em mãos é, afinal, uma prova da viabilidade da beleza que não se esgota frente à urgência do pragmatismo. É antes de tudo uma pausa, uma respiração possível, um fôlego, em uma corrida tantas vezes árida. É um convite a uma experiência de ampliação do real – porque, como já disse o poeta, a ficção existe porque isso que chamamos “real” não é suficiente. Por fim, parabéns a todas as alunas e alunos que participaram desse concurso e deram prosseguimento a uma tradição salutar e potente da nossa escola. E aos leitores, que seja uma boa leitura.

Equipe de Língua Portuguesa

NÍVEL I

EM BUSCA DE UM NOVO COMEÇO (<i>Beatriz Mendez Pontes Arruda</i>).....	10
O GUERREIRO DE ATENAS (<i>João Victor Giuberti Coradini</i>).....	08
OS IRMÃOS E O PEIXE (<i>Maria Freitas Schulte</i>).....	11

NÍVEL II

UMA HISTÓRIA QUASE VERDADEIRA... (<i>Maria Eduarda Spagnol Cunha</i>).....	13
UMA RAINHA AUTÔNOMA (<i>Rafaela Rabinovitch</i>).....	15
O MENINO QUE GOSTAVA DE CÁLCULOS (<i>Davi Bressan</i>).....	17

NÍVEL III

DESERTO DE AREIA E PÁS DE CONCEITOS (<i>Isabella Dias Torezani</i>).....	20
A MÁSCARA DE CERA (<i>Isabelle Mayumi Irie Da Motta</i>).....	24
JOÃO E A MOÇA DAS CORUJAS (<i>Francisco Vieira</i>).....	26

NÍVEL IV

(IN)CONSCIÊNCIA (<i>Luiza Rubim</i>).....	29
FLOR QUE SE CHEIRE (<i>Catarina Santos</i>).....	32
A GAROTA NO EXÉRCITO (<i>Heloisa Oliveira</i>).....	34



CENTRO EDUCACIONAL
LEONARDO DA VINCI

www.davincivix.com.br | [✉ davinci@davincivix.com.br](mailto:davinci@davincivix.com.br) | [f /davincivix](https://www.facebook.com/davincivix) | [@davinci.vix](https://www.instagram.com/davinci.vix)

Rua Elias Tommasi Sobrinho, 154 - Santa Lúcia - CEP 29056-910 - Vitória - Espírito Santo - Brasil - Tel.: + 55 (27)3334-6300

Diretora
Mario Broetto

Edição/Diagramação/Impressão
Setor de Eventos e Edição & Gráfica Da Vinci
Tiragem: 140 exemplares



EM BUSCA DE UM NOVO COMEÇO

O ano era 2085. Um dos mais difíceis para a humanidade, onde havia caos por todos os lados. Para poder sair de casa por exemplo, todas as pessoas precisavam sair com máscaras de oxigênio, pois ao longo dos tempos, a sociedade havia causado muitos danos ao meio ambiente, destruindo florestas inteiras, prejudicando o ar, e deixando os mares impróprios para banho. Cidades foram tomadas pelo lixo e até mesmo onde, no passado, costumavam passear e transitar com tanta tranquilidade não era mais assim.

Sol era uma menina que tinha cabelos enroladinhos, e assim como dizia o ditado, seus cabelos, sendo ruivos como o entardecer, remetia a uma personalidade forte, o que não deixava de ser verdade pois não conseguia se contentar com sua atual descontrolada e desconfortável realidade. Tinha também lindos olhos castanhos alaranjados como o alvorecer e bochechas bem rosadas.

Sua mãe, Alexandra, sempre contava a ela como era sua antiga vida, e o quão boa e tranquila fora. Por isso a menina ficava tão aborrecida com o que estava acontecendo em seu lar e sempre achou que não era justo com a população e principalmente com o meio ambiente o que as pessoas haviam feito.

Em uma sexta feira, as 7:00 horas da manhã, seu despertador começou a tocar, mas como ainda estava sonolenta demais para fazer ou ao menos escutar qualquer coisa, continuou dormindo e dormindo até que com um barulho enorme na porta sua mãe começou a berrar:

– Sol, eu não acredito que você ainda esta dormindo! Já são 8 horas da manhã!

– O que?! – perguntou a menina surpresa - Mais já?

Correu entorno de sua cama e ligou seu computador em desespero. Entrou na sala de aula virtual e logo viu a carrancuda e entediante professora Olga, professora de ativismo, que tinha a aparência de uma senhora de pelo o menos, 80 anos. Suas aulas geralmente eram as mais chatas pois ela nunca se dava ao trabalho de passar a matéria, e só falava de sua vida pessoal. Mas nesse dia fora diferente. Ela estava explicando sobre uma atividade avaliativa, diferente de todas as outras.

A atividade seria a seguinte: todas os alunos deveriam procurar fotos de seus pais ou familiares no mundo “antigo” e dar sugestões de como poderiam ajudar a reconstruir o mundo hoje. Sol ficou surpresa e muito feliz com a proposta da atividade. Mas parecia que era a única, pois durante a aula sua amiga a surpreendeu com uma mensagem dizendo que esse foi o trabalho mais inútil que ela já teve e que, de acordo com ela, porque os alunos deveriam fazer tal atividade sendo que eles nunca teriam como de fato “restaurar” o planeta, ou muito menos viver em um lugar melhor?.

Esse comentário foi o suficiente para Sol. “Como alguém poderia ser tão insensível?” Pensou a menina consigo mesma. E foi a partir desse momento que, como um estalo, uma ideia surgiu em sua cabeça. A menina sempre quis ajudar mas nunca tinha visto uma maneira de colocar em prática, mas foi como se uma lâmpada mágica tivesse, de repente, acendido dentro de sua cabeça.

Sua ideia era criar um blog aonde ela faria uma petição para que pessoas pudessem ajudar a “restaurar” o seu lar, o planeta Terra. No mesmo momento, abriu o seu computador e começou a trabalhar em seu futuro blog. Assim que terminou de escrever

um texto introdutório e explicar o motivo daquilo, postou em todas suas mídias sociais e esperou. Claro que as pessoas não iriam ver tão rapidamente, pensou ela com uma pontada de excitação e ansiedade. Passaram-se 1 hora, 2 horas e nada. Então ela decidiu que só iria checar o seu novo trabalho dali a alguns dias. Mas ela não precisou esperar tanto tempo.

Uma mensagem chegou repentinamente em seu computador, de alguém anônimo. Podia-se ler a seguinte frase: “Olá Sol, somos um grupo de pessoas que tentamos lutar pela restauração ambiental. Nós gostaríamos de se juntar com você e fazer uma grande doação. Quem sabe juntos poderíamos de fato fazer a diferença?”

Quando ela recebeu a mensagem, ficou muito feliz e emocionada, porque agora sabia que realmente haviam pessoas que se importavam de fato e queriam fazer do mundo um lugar melhor assim como ela e respondeu a mensagem quase que imediatamente.

No dia seguinte contou a todos sua proposta e seus pais ficaram muito entusiasmados, assim como alguns de seus amigos. Todos quiseram participar e ajudar na causa. Mas ela sabia que nada seria possível se tivesse apenas esses indivíduos envolvidos, então resolveu, espalhar cartazes pelos bairros mais próximos, fazer mais publicações na internet, e muito mais.

Um dia depois, milhares de pessoas já estavam cientes de tudo o que tinha promovido. E prontamente começaram a agir, com a ajuda das doações de milhares de pessoas e com a força de vontade de outras. Com muito esforço e opções sustentáveis como a produção de alimentos sem embalagens de plásticos, a reciclagem no lixo das ruas, a limpeza das águas dos rios e muito mais, eles iniciaram sua parte.

“Espero que, mesmo em um futuro distante, eu e todas as pessoas envolvidas nesse projeto possamos melhorar a nossa e a qualidade de vida de outras possíveis gerações”. E foi assim que Sol começou a ajudar o planeta.





O GUERREIRO DE ATENAS

Há muitos anos, no monte Olimpo, na região da Grécia, nascia eu, Almanio, filho da deusa do casamento, Hera, e do deus dos raios, Zeus. Eu sou o deus grego da sabedoria.

E a minha historia começou quando eu era ainda um bebe de beleza extraordinária. O meu irmão Ares, o deus da guerra, tinha muita inveja de mim pois eu era o filho favorito de nossos pais, sempre sendo mimado e muito bem cuidado. No Olimpo havia muitos deuses e a maioria deles eram meus irmãos, para todos eu era apenas mais um filho de Zeus e de Hera. Mas para Ares eu era um inimigo que o ameaçava mais do que tudo ao seu redor .

No dia do meu primeiro aniversário eu tive muita atenção, foi uma noite espetacular! Na verdade, como eu tinha apenas um ano eu não me lembro, mas todos os deuses me dizem que foi uma das melhores noites que já viveram, e olha que eles já viveram um tempão! Ao fim da festa todos regressaram para seus palácios muito contentes com a noite. Mas o meu irmão Ares se escondeu dentro do palácio de meu pai com a intenção de me sequestrar e me lavar para o mundo dos mortais assim me fazendo gente que morre e tem diversas necessidades. E assim foi feito. Ares havia me sequestrado e colocado a terrível maldição sobre mim de me tornar um mero mortal. Porém, meu tio Hades, que estava saindo da festa, viu aquilo acontecendo e dedurou Ares para meu pai. Os deuses, com pena de mim, me colocaram como o filho mais velho do rei Ulisses 2º de Atenas, e meu irmão Ares foi colocado como uma pessoa aleatória na Grécia, mas este me encontraria e assim aconteceria a batalha final onde nos batalharíamos e assim eu poderia ganhar e subir para a minha morada no Olimpo.

O rei Ulisses e sua esposa foram avisados pelo mensageiro do Olimpo Hermes, que dariam à luz a um deus, filho de Hera e de Zeus e que confiavam a eles a missão de me educar como seu filho, dando-me da melhor educação, para que um dia eu pudesse retornar a minha morada. Mas estes não poderiam me contar nada sobre meu parentesco com deuses.

Anos depois eu viria a crescer como todo ser humano. Eu era um príncipe muito querido e amado pelo povo da cidade de Atenas. Quando o rei de Atenas saia para batalhas eu o substituía desde meus 13 anos de idade. Mas agora eu tinha 18 e finalmente teria a chance de provar a minha coragem e força para o povo de Atenas. O reino de Esparta estava sendo governado por um rei muito maldoso chamado Tirge que queria atacar a minha cidade. Mas eu não iria deixar isso acontecer, ele poderia ter o maior exército do universo, mas não tinha a coragem e a bravura de um jovem príncipe em ascensão. O povo de Atenas depositava toda sua confiança em minha pessoa, por isso não podia e não iria decepcioná-los.

Segundo os espiões, os espartanos, iriam atacar pelo sul. E meu pai, confiando nos espiões tratou de posicionar todas as tropas Atenienses concentrando-as no sul, mas eu que fui convidado para a reunião, demonstrei plena sabedoria. Todos os homens naquela sala eram estrategos profissionais, mas eu notei que os espiões estavam mentindo e tratei de me manifestar, dizendo:

-Senhores, nós somos atenienses, gênios da arte e cultura e com tamanho poder vamos confiar em espões quase desconhecidos que podem ter sido comprados em Esparta.

Meu pai que embora sendo rei, era muito convencido e resolveu que não iria permitir que um jovem decidisse o futuro de seu reino. Os espões estavam mentindo. O reino de Atenas foi conquistado, meu pai faleceu em batalha e minha mãe foi a força tomada como mais uma esposa do rei Tirge, e eu agora tinha que me disfarçar para não ter o mesmo fim trágico que fora um dia acometido a meu pai o rei Ulisses 2. Tive que sair de minha cidade e vagar por toda a Grécia como um nômade. Até que em um dia como qualquer outro, resolvi visitar o templo de meu verdadeiro pai Zeus e saber por que esta desgraça havia acontecido comigo. Lá, Zeus contou-me que eu, na verdade, era seu filho e que deveria batalhar com Ares. Mas para ganhar a batalha eu teria que ter a bênção de meu pai e só conseguiria a bênção se me provasse digno. Eu teria que batalhar contra o rei Tirge e salvar minha mãe e o meu povo de Atenas e assim eu iria regressar para o templo de Zeus e ganharia a bênção de meu verdadeiro pai.

Naquela noite eu e meu cavalo partimos do templo e fomos para Atenas disfarçados plantar raiva no povo para que assim tivéssemos força suficiente para derrotar o rei Tirge de Esparta.

Os meus dias de exílio estavam próximos de acabar! Ao chegar em Atenas, um senhor acolheu a mim e meu cavalo em sua hospedaria. No dia seguinte contei toda a minha história para aquele senhor e este, um servo de meu pai, me apoiou e ainda chamou na hora alguns amigos ricos. Estes burgueses me confessaram sua preocupação com seus negócios, pois o rei Tirge aplicava muitas restrições para comerciantes atenienses, e que eles, suas famílias, e conhecidos iriam me apoiar, ou seja, toda a população de Atenas.



Na batalha contra Esparta eu já tinha 25 anos e, assim, começamos uma guerra sangrenta contra o povo de Esparta, e com a minha sabedoria divina consegui salvar a minha mãe e recuperar a minha cidade, Atenas. Eu sendo muito sábio detestava ter que apelar para a guerra, tentei resolver na paz, mas o rei Tirge convencido que iria ganhar quis guerrear contra mim. Como prometido eu retornei para o templo de Zeus que me deu sua benção como foi combinado e me contou uma notícia devastadora. A minha batalha contra Tirge não havia acabado, pois este era o próprio ARES na terra. E também fiquei sabendo que minha batalha iria começar 8 meses apenas após a minha visita e eu realmente teria que me preocupar muito com essa batalha pois seria apenas eu e Ares em forma de deuses.

Ao retornar do templo para Atenas eu fui aclamado como rei e me casei com uma moça muito bela de Atenas chamada Anadi e com ela e com meu treino para a batalha vivi os 8 meses mais felizes de minha vida. Foram 8 meses prósperos para Atenas. Eu posso ter governado por 8 meses, mas eu fui um ótimo rei.

E então no dia que se completaram exatamente 8 meses, Ares apareceu em sua forma de deus, e assim se consumou, a batalha iniciou-se.

A batalha foi complicada, Ares deu o primeiro golpe e eu o segundo e assim fomos batalhando. No início eu levei pesadas baixas, porém estava tudo planejado, Ares iria ter que se cansar alguma hora e quando isso acontecesse eu iria estar tranquilo para ganhar. A batalha durou 3 longos dias e quando Ares finalmente se cansou de tanto me golpear eu finalmente lhe dei o golpe final onde eu o nocauteei no chão o prendi e o joguei para o submundo onde ele passaria os próximos 3000 anos de sua vida e lá não teria direito de quase se mexer e poderia aprender sobre o mal que fez para o Olimpo e para o povo da terra. Mas Ares jurou que algum dia iria derrotar-me e assim teria a sua vingança.

E assim com o final da batalha e a derrota de Ares eu me livre da maldição e finalmente pude retornar para a morada do meu pai no Olimpo e governar plenamente como um verdadeiro deus grego.





OS IRMÃOS E O PEIXE

Era uma vez ...

Em uma ilha extremamente distante, há muito tempo atrás viviam 2 irmãos que não eram muito felizes.

Ophelia, a menina, ainda era um pouco otimista e tinha um sorriso meigo em seu rosto, porém o menino era extremamente diferente da sua irmã.

Ele sempre tinha um olhar vago e parecia estar muito distante dali.

Louis era seu nome e quase sempre estava lendo no telhado da casa.

E assim passavam os dias na mesma rotina.

Porém numa certa manhã, Ophelia acordou e foi procurar o irmão. Naquele horário era comum ele já estar no telhado. Mas quando foi lá, não tinha ninguém. Estranhou, mas resolveu esperar.

Porém o tempo foi passando e ele não aparecia. Ophelia começou a ficar muito nervosa e com medo de o irmão tivesse feito o que ela mais temia. Ela morria de medo do irmão ir embora e deixá-la sozinha.

Estava prestes a ir atrás dele, quando percebeu que vinha alguém da vegetação atrás da casa e viu seu irmão entrar por adentro.

Ele trazia em suas mãos um peixe e o colocou dentro do vaso de flores da sala.

E o que surpreendeu Ophelia, foi o fato de ver um sorriso no rosto do seu irmão. Algo que ela não via.

Ele estava obcecado por William, nome que foi dado ao peixe.



No outro dia, observaram que o peixe estava maior e tiveram que trocar o recipiente onde o bicho estava.

Os dois adolescentes decidiram passear com o peixe. Queriam mostrar a ele como era o mundo em volta deles.

Foram passear e passaram o dia fora.

Estavam encantados com seu amigo. E Ophelia ainda mais feliz por ver o sorriso do amor.

E assim os dias passavam e William crescia todos os dias e eles iam trocando os recipientes e começaram a se preocupar porque não tinha mais onde colar a criatura.

Para procurar um novo “aquário”, eles foram até o vilarejo e como não queriam deixar o peixe sozinho, o levaram.

Ao chegarem, se tornaram a grande atração do lugar. Todos queriam ver o maior peixe que já tinham conhecimento por lá.

Com todas aquelas pessoas em volta, William começou a ficar assustado e se debater.

O que fez com que o aquário que já estava apertado, se partisse.

Os irmãos ficaram apavorados, tentando ajudar William, não conseguiam.

A população viu o desespero dos dois e resolveram ajudá-los e a única solução era levar William para o mar. Seria o único jeito que ele poderia sobreviver.

Louis ficou com o coração dilacerado pela separação do seu único amigo, mas era o único jeito de mantê-lo vivo.

Os irmãos resolveram ir embora daquela região.

Seu objetivo era procurar por outros “William” que também precisavam voltar para o mar. Eles entenderam que aquela seria sua missão de vida.

Ter amizades passageiras que rendem momentos sinceros de felicidade são mais valiosos que uma vida triste e sem sentido.





UMA HISTÓRIA QUASE VERDADEIRA...

Bem, bem longe da superfície terrestre, em cima das nuvens existia uma escola secreta de vilões. Uma escola MUITO rígida. Mas você deve estar se perguntando, que tipo de vilões são esses? Bom, eles são os “Powerful Pandemics”. Pra quem está se perguntando o que é isso, bom é basicamente um escola de vilões onde cada um tem seu poder, e depois de muito estudo e prática cada um provoca uma PANDEMIA. Porém, em praticamente todo conto de fada, também tem os “bonzinhos”. E sim, nesse também irá ter! Eles eram considerados com heróis e chamado de “Vacina Sim” que tinham o poder da cura, entretanto tinham que treinar muito, pois os vilões eram muito fortes. Aaaaa, por último, mas não menos importante, esqueci de lhe apresentarem as “Vítimas”, que eram iguais aos heróis e aos vilões, porém não tinham poderes. Chega de enrolação e vamos começar. Bom, na escola de vilões, um menino chamado Coronavírus, ele sempre arrumava briga com os outros, literalmente com todo mundo. Mas fora isso era um ótimo aluno. Os professores eram pandemias passadas. O de Coronavírus era o senhor Gripe Espanhola. Ele gostava muito dele, pois se identificava, a única diferença era que era menos agressivo... Basicamente o professor tinha que escolher alguém que achasse que estava preparado, e isso acontecia em média de 50 a 100 anos. E esse ano Coronavírus estava disposto a ser o escolhido. E depois de muito, muito estudo acabou tirando 10 na prova de escolha. O professor ficou orgulhoso de seu aluno:

– Parabéns Coronavírus! Sabia que tinha potencial.

– Eu também sabia!

Disse Coronavírus com orgulho.

– Bom, boa sorte com sua jornada. E nos orgulhe!

– Pode ter certeza que vou!



Depois desse diálogo, o novo vilão, que agora recebeu o apelido de Covid-19, foi direto para sua jornada. Do outro lado, o local onde os heróis ficavam eram mais conhecidos como hospital. Por outro lado foram pegos de surpresa com a notícia bombástica. Porém, também tinham que selecionar os heróis, mas isso demorou tempo, porque estavam muito despreparados. Enquanto isso 10 meses se passaram e as vítimas morriam cada vez mais. Porém um milagre de Natal aconteceu, os heróis treinaram mais que nunca e saíram para o combate. Seus nomes eram CoronaVac, Sputnik e Covaxin. Foram direto ao trabalho. Coronavírus era um danado, e ágil. Os heróis tinham que curar um por vez, então isso demorou em cerca de 2 anos até que a maioria da população estivesse vacinada. O vilão estava se sentindo mais fraco, pois estava acostumado a sugar a energia das vítimas. Mas o combate estava quase acabando, até que o Covid-19 não tivesse mais forças, porque todas as vítimas estava imunes. E suas últimas palavras foram:

– A próxima geração estará por vir... E criará um impacto ainda maior que o meu. Podem até se preparar...





UMA RAINHA AUTÔNOMA

Desde que me lembro, nunca tive o interesse pela coroa. Por que uma rainha se ela precisará de um rei? Estamos no século XXI! Já tenho 18 anos e sou crescida. Toda essa bobagem, não passa de uma representação simbólica para entreter a mídia.

– Celeste, bom dia! – Disse minha mãe, a Rainha Aurora, tirando meus cabelos ruivos da frente do rosto. Segundo ela, começar o dia vendo meus olhos verdes traz sorte!

– Bom dia mãe, como foi sua noite? – Respondi, levantando o edredom.

– Muito conturbada, na verdade. Seu pai passou a noite respondendo as cartas dessa semana, já que iremos passar 5 dias fora de Callèa. Não lembrava que íamos viajar?

– Acho que tinha me esquecido, vou me trocar para me despedir de vocês! – Ela fez um sinal com a cabeça e saiu do quarto.

Quando descia as escadas avistei minha irmã, Lídia. Somos fisicamente iguais, mas bem diferentes no quesito personalidade. Ela sonha com o trono, que está destinado a mim, já que sou 2 anos mais velha.

Ao chegar no salão principal, lá estava o meu pai, o louvado Rei Michel Christoffer William Conway III. Nossa relação é de pai e filha, nada mais.

– Meninas, venham cá! – Disse ele. Sorri e o abracei, afinal, uma ação vale mais que mil palavras, não é?

Após me despedir, subi para o meu quarto. Pensava que esse seria o resto da minha semana, até que na manhã seguinte, fui acordada pelo mordomo, Richard, o que foi muito desconfortável.

– Bom dia, princesa! Peço que se troque e dessa para tomar café! – Declarou, eu fiz que sim com a cabeça.

Ele me acompanhou até o salão principal e começou a falar:

– Princesa, permita-lhe te chamar de Celeste. Eu sinto informá-la, mas seus pais sofreram um acidente de avião com a chuva e infelizmente, não resistiram.

Não, não pode ser! O que eu faria a partir daquele momento? Senti minhas pernas tremerem e meu mundo caindo, mas na verdade foi só a minha pressão. Quando acordei, estava rodeada de homens, dos meus pretendentes mais especificamente. Foi aí que ouvi a voz de Richard subindo minha cabeça.

– Princesa, a senhorita está bem?

– Sim, estou! Um pouco desconfortável, na verdade.

– Senhores, poderiam me dar licença? – Todos saíram, em harmonia – Bom, agora que estamos a sós, devo te informar que a senhorita terá que se casar! A coroa é uma responsabilidade muito grande para uma mocinha da sua idade, além de que...

– Você poderia me dar um minuto de paz? Eu estou farta de tudo isso! Ofereça a Lídia, tenho certeza de que ela aceitará sem pensar duas vezes – Gritei e me retirei, aos prantos. Não aguentava mais um minuto naquele lugar, precisava fugir, antes que eu acabe em um casamento arranjado.

Juntei alguns pares de roupa, coloquei um capuz e fugi pela janela. Sem muitos amigos



como opção, lembrei do Max, um amigo que não vejo há alguns anos. Temos a mesma idade, então acho que ele me entenderia! Peguei um barco a vela, e fui até a praia de Dauphin, onde o vi pela última vez.

Ao chegar lá, vi que Max estava igual desde que tínhamos 12 anos. Cabelos castanhos, olhos azuis e sorriso contagiante! Ah, mencionei que ele é um pirata?

– Celeste?! – Gritou, meio confuso, foi quando percebi que sua voz havia engrossado. Ele veio correndo até mim e nos abraçamos.

– Você está ótima!

– Você está ótimo! – Respondi, estava tão feliz que podia explodir! Depois de toda essa euforia, expliquei a ele o que tinha acontecido.

– E o que você acha de passar um tempo no navio?

– Mas é claro, muito obrigada Max!

– Celeste, você sabe que pode contar comigo, não é? – Não sei bem o motivo, mas aquela pergunta me deixou muito incomodada e fiz que sim com a cabeça.

Logo que cheguei ao navio, fui acolhida muito bem, inclusive pela mãe de Max, o que foi estranho já que ela não costumava ser muito gentil comigo. Permaneci lá por algumas semanas, até receber uma notícia inesperada.

– Celeste, acho melhor você ver isso – Disse León, membro da tripulação. Ele me entregou um jornal, que mudou totalmente meu ponto de vista.

– “Senhoras e senhores! Anunciamos que a princesa Lídia Charlotte Abigail Conway e seu noivo Richard Cartier, se casarão hoje, durante a coroação da herdeira!” – Li em voz alta. Apesar de tudo, meu reino estava nas mãos da minha irmã de 17 anos (e do mordomo, que provavelmente já passou dos 30), eu precisava voltar!

Max ofereceu sua ajuda, e aceitei. Fomos até o palácio com a mesmo barco que saí de lá, chegando com cuidado para não sermos percebidos. Estava com uma roupa de pirata, irreconhecível, quando invadi o salão principal.

– Parem! – Exclamei – Sou eu a que deve carregar a coroa!

– Princesa, a senhorita foi dada como morta pelo mordomo! – Disse uma voz alheia, que esclareceu tudo. Vi Richard e Lídia e gritei:

– Guardas, atrás deles! – Eu sempre quis fazer isso.

Não foi nada fácil ver minha irmã e seu noivo serem presos por pura ambição, mas era o certo a se fazer. Naquele dia, fui coroada rainha de Callèa, mesmo sem um rei. A partir daí, minha vida mudou para sempre! Percebi que ter autoridade sob um reino, não é tão simples quando pensei. As obrigações e responsabilidades fazem parte da vida, e encará-las é uma grande vitória.

– Majestade, vamos. Tem uma missão pela frente! – Diz Max, toda vez que tenho alguma reunião ou evento real. Ele sabe que não precisa me chamar assim, mas acha que sou digna desse pronome. Para a minha surpresa, nos aproximamos muito desde que voltei à vida no palácio. Tenho muito orgulho do que me tornei, uma rainha autônoma!



O MENINO QUE GOSTAVA DE CÁLCULOS

Aos três anos de idade, fui confirmado com autismo moderado pelos meus pais e pelos médicos. Nunca fui bom em absolutamente nada por causa do autismo. Eu tinha dificuldade em tudo, quase tudo na verdade...

Quando fiz sete anos, fui pela minha primeira vez a escola. Ao chegar percebi que as pessoas ficavam falando de mim, mas eu não entendia o que elas falavam, e então passava direto. A professora nos ensinava a falar, cantar (para falar a verdade, ninguém era bom em cantar da minha sala), e o que mais me chamou atenção era o exercício de pensar.

Olhei para o quadro na minha frente e vi uma coisa que não sabia nem mesmo explicar, e fiquei calado.

Passados duas semanas, não conseguia tirar aquilo da minha cabeça. Achava aquilo esplêndido e maravilhoso, e então sem me segurar, decidi perguntar a professora. Apontei com meu dedinho para o quadro e perguntei;

– Professora o que são aquelas coisas no quadro?

Então ela disse.

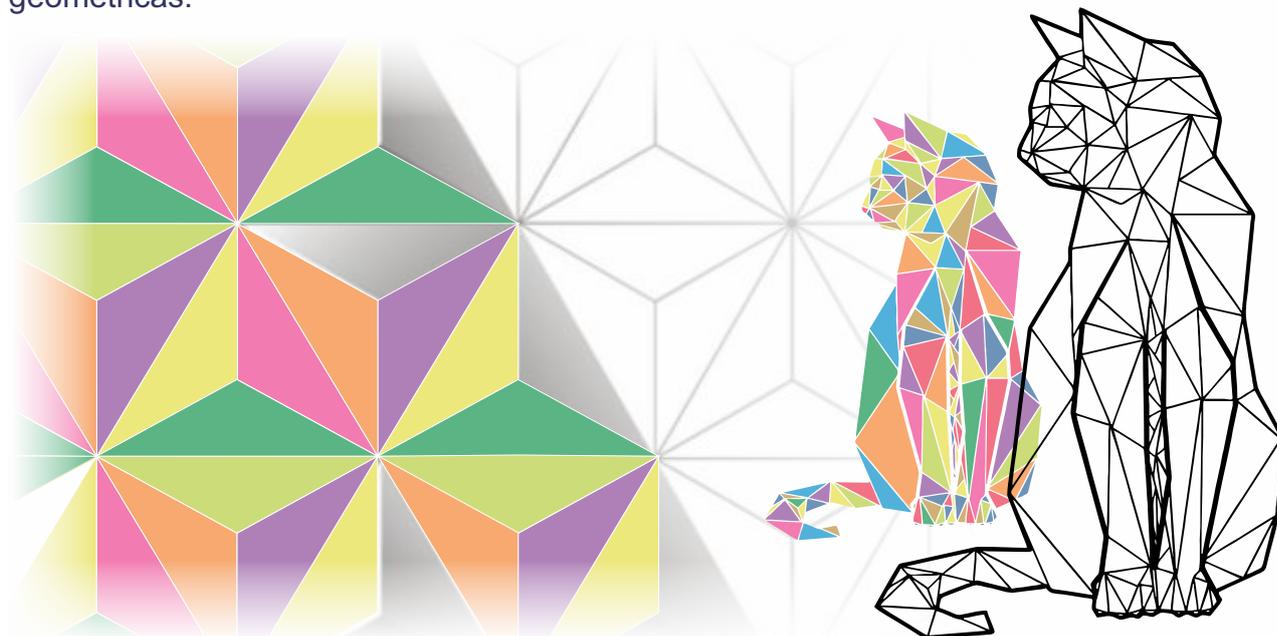
– Aquilo meu querido, são formas geométricas.

– Formas geométricas?

– Isso mesmo, e se juntarmos podemos formar outras. Veja só.

E então ela me mostrou cada forma sendo juntada a outra, formando uma nova. Com meus olhos totalmente arregalados não poderia tirar isto da minha cabeça de jeito nenhum.

A partir daquele momento comecei a associar tudo com este fato, das janelas do meu quarto a alguns dos meus brinquedos. Até com meu gato eu associava aquelas formas geométricas.



Minha mãe reparava nisso, e foi assim que ela comprou o melhor brinquedo de todos os tempos para mim. Era uma caixa com várias formas geométricas! Eu brincava só com aquilo. Parecia que aquele simples brinquedo era parte da minha vida. Eu juntava quadrado com quadrado e formava retângulo, fazia coisas que nem consigo explicar juntando aquelas formas.

Passados mais alguns anos, aprendi na minha escola a numerar e somar.

Quando a professora fez nossa primeira prova do ano, ela deu o tempo que quiséssemos para entregar tudo resolvido. Eu terminei em apenas seis minutos, e o que mais surpreendeu a professora, é que a prova estava totalmente correta.

A professora me elogiou e ficou quieta. Naquela mesma tarde, meu pai recebeu uma ligação da professora. Eu estava do lado dele e passado uns dois minutos, o olho do meu pai arregalou e ele olhou para mim com uma cara de choque.

Depois de terminar a ligação, ele chamou minha mãe, pegou lápis e papel e começou a fazer algumas questões matemáticas para mim, $1+3$, $9-2$, $11-1$ e etc.

Foi aos poucos dificultando, e na minha cabeça as questões eram bem mais fáceis. Questões como $22-14$, $39-27$ ou $71-29$ respondia todas elas com muita facilidade, e meus pais me olharam com um sorriso imenso no rosto. Eu não sabia o porquê, e foi então que eu perguntei.

– Mãe, pai, porque estão tão alegres?

Então minha mãe me falou com o rosto escorrendo de lágrimas.

– Filho você é muito especial.

Eu sem entender nada, agradei e fui para minha cama, e enquanto minha mãe ia me colocando para dormir, fiquei pensando naquelas formas geométricas com números e enfim, minha mãe desligando o abajur me sussurrou no ouvido:

– Filho, amanhã vamos no titio Mauricio está bem?

Titio Mauricio é meu médico, ruivo de pele clara assim como eu.

No dia seguinte quando estava chegando no hospital, ele já me esperava na porta. Conversou com minha mãe umas três horas seguidas, enquanto eu brincava com meu pai. Confesso que não entendia o porquê de todos estarem tão alegres. O Mauricio pegou algumas folhas de papel, e escreveu algumas coisas no computador e imprimiu umas quatro folhas. Depois me fez sentar sua frente e responder alguns cálculos que tinha no papel. Respondi os dois primeiros na maior tranquilidade, e perguntei para ele o que era este menos com dois pontinhos, e este sinal de mais na diagonal. Ele ficou quase uma hora tentando me explicar, e peguei o jeito muito facilmente, e fiz os outros dois cálculos em praticamente cinco minutos. Então ele chegou pertinho de mim e me perguntou.

– Como você fez estes cálculos tão rapidamente meu anjo?

Então respondi bem normalmente.

– Na minha cabeça os números são como formas e quando juntadas formam outros números/formas.

Tentei explicar melhor, mais não dava de jeito nenhum. O jeito que eu tentava explicar eles não entendiam.

Em seguida meus pais me levaram em uma outra escola. Pelo menos era isso que eles me falaram, mas aquilo não parecia nem um pouco com uma escola. Não tinha porta, tinha uma espécie de barreira de ferro que abria, fiquei em pânico pois não estava entendendo aquele lugar. Não tinham nenhum dos meus amigos e as paredes não eram coloridas, e meu pai tentou me acalmar. Minha mãe me levou a uma lagoa cheia de patinhos, e me acalmei bem rapidamente. Minha mãe me explicou que estava tudo bem, e que não precisava me estressar. Me deu um beijo e um abraço, e me levou até uma sala bem fria com um professor, que não tinha nada cara de professor. Usava um terno preto e uma gravata bem horripilante.

Eu estava prestes a gritar bem alto, mas minha mãe colocou a mão sob minha boca e me deu um abraço bem forte me acalmando. Esperei meus pais conversarem com o professor, e logo em seguida o professor se apresentou e conversou comigo. Começou fazendo umas perguntas como, quanto é $948 + 2038$, $438 - 638$, e outros cálculos muito fáceis. Respondi todos com muita precisão e pedi para dificultar pois estava fácil demais. Ele deu um suspiro e fez questões como, 769×84 , $9034 / 45$, $0,78 \times 567$. Respondi todos com a mesma facilidade anterior, e então repeti ao professor para dificultar ainda mais. Ele deu uma risada e continuou, e fez várias e várias questões diferentes. Respondi todas. Passamos cerca de uma hora e meia juntos, e então ele foi falar com meus pais.

– Seu filho é magnífico, bateu sete recordes de tempo em cálculos. Nunca vi pessoalmente alguém com calcular tão rápido. As questões mais difíceis para ele pareciam uma piada!

Meus pais me deram um grande abraço e falaram que nossa vida nunca mais seria a mesma.

E a nossa vida não foi a mesma mesmo não. Agora eu com vinte e quatro anos de idade, estou ao lado de meus pais com muita fartura. Participei de campeonatos e até de comerciais famosos, e fiquei bem conhecido, e sei que daqui para a frente serão só vitórias.





DESERTO DE AREIA E PÁS DE CONCEITOS

Acendi a lanterna, ergui o queixo e fechei a porta. Bastava. Estava farta daquela inconveniência, daquela gritaria, das discussões sem ponto e das críticas mal elaboradas lançadas por ali. Famílias podem ser extremamente incoerentes e estressantes, e eu sentia que precisava de uma pausa. Sorte que estava no interior, frio e pacífico, onde bastava um casaco e uma fonte de luz para simplesmente sair em uma noite e voltar intacta algumas horas depois.

E assim fiz. Segui em frente destemida, a irritação convertendo-se em um combustível para começar a caminhar. A brisa noturna apalpava meu rosto, as árvores me rodeavam em uma dança calma e silenciosa. O som dos galhos pisoteados e dos grilos cantando era exatamente o que eu precisava ouvir. No céu, a lua crescente esplandecia graciosamente, porém dava espaço também para o fulgor das estrelas, essas tão magníficas que me tiravam o fôlego.

Chego onde queria: um campo aberto qual posso me sentar e simplesmente contemplar o céu. A grama pinica minhas pernas enquanto tento me aconchegar. Um suspiro me é arrancado enquanto encaro a atmosfera. Linda. Deslumbrante. Fecho os olhos. Conto um, dois três. Tento me esquecer das desmotivações constantes e dos sentimentos nocivos que me rodeavam nos últimos dias. Estava sendo complicado, eu simplesmente não conseguia controlar meus sentimentos. Sentia raiva, ficava triste, era sufocada pela ansiedade mas não conseguia encontrar um motivo concreto para nada daquilo. Motivo. Razão. Significado. Pensava tanto sobre isso, e noites me eram tomadas, mas eu nunca conseguia chegar em respostas. As vezes, as coisas simplesmente não faziam sentido. A vida, muitas vezes não fazia sentido.

Passo um tempo com os olhos fechados. Com um nó na garganta percebo que as coisas não parecem funcionar para mim: eu saio de casa para tentar relaxar e esquecer, mas continuo com os mesmos sentimentos. Grunho em protesto contra meu próprio cérebro, quando percebo um barulho. Grama se contraindo. Uma presença. Olho para traz e tomo um susto.

Há uma garota atrás de mim. Sentada, assim como eu, olhando o céu. Ela percebe meu espanto e simplesmente sorri. Como chegara até ali? Por que estava bem ao meu lado, o que estava fazendo, quem era aquela pessoa?



– Q-quando... quando foi que você chegou? Quem diabos é você?- meu coração está acelerado em confusão e constrangimento. Desejava um momento sozinha e havia justamente uma estranha ao meu lado, no meio da noite, no meio do mato.

– Olá! Eu te vi olhando as estrelas, não estão lindas essa noite?- ela simplesmente ignorou as perguntas. Tinha um ar sonhador, alegre e disposto, exatamente o contrário de tudo o que eu estava sentindo no momento. Sua pele clara carregava sardas, e ela tinha longos cabelos negros que encaracolavam no seu caminho até as pontas. Seus olhos azuis refletiam o céu e pareciam famintos por informações e aventuras. Havia um detalhe estranho porém...

- Da onde você veio? Não está com frio usando só esse vestido? – a vestimenta em questão era branca e simples em um estilo antiquado que imaginei nunca ver alguém usando.

– Nenhum pouco! O clima está muito agradável.– marcava 19º graus e ventava. Era um clima que demandava no mínimo, um casaco – Você, de onde veio?

– Está perguntando para mim?– Franzia a testa. Ela acenou a cabeça, sorrindo.- Estou passando as férias em uma casa vermelha atrás daquelas árvores.

– Sozinha?

– Claro que não, eu tenho 15 anos. Com a minha família.

– Ah! E como eles são?!- ela se aproximou mais, empolgada com a conversa. Porque fazia tantas perguntas? Por que parecia tão interessada?

– Eles são... bem... familiares?- Não sabia ao certo no que os resumir.

– Resposta bem vaga – O que ela poderia dizer sobre as minhas respostas, se nem ao menos respondia nenhuma das minhas perguntas? Seu jeito intrometido começara a me irritar - Você os ama?

– O quê?– Era sério? Do que ela estava falando? Quem sai por aí perguntando essas coisas?- Sim...?– Apesar dos problemas atuais a resposta era óbvia.

– Legal! O amor é algo muito forte não acha? Não é interessante? Humanos sentem uma emoção tão complexa, tão incontrolável e misteriosa. Já parou pra pensar no que faz você amar uma pessoa mais do que as outras? O que te leva a conjugar esse verbo?

A menina à minha frente era completamente maluca. Quer dizer, eu pensava nisso com frequência, e também nunca achava uma resposta. Eu amo meus pais, e amo minha família, mas perder uma dessas pessoas, como já me ocorrera era uma das piores sensações do mundo. O amor é lindo, mas também machuca. Por que aquela garota precisava despejar toda a sua curiosidade inquietante em mim, que já tinha uma mente tão desequilibrada?

– Por que você está me perguntando essas coisas? Nem nos conhecemos.

– Você tem um olhar meio conturbado- ah, muito obrigada- Pessoas que pensam demais geralmente são assim, então imaginei que você se perguntasse essas coisas também. Seus olhos são muito bonitos na verdade. Você é muito bonita.- ela aumentou seu sorriso.

Senti minha pele escura esquentar enquanto ela falava isso. Não costumava receber

elogios gratuitos, principalmente de estranhos. Meu cabelo crespo curto não chamava muita atenção e olhos castanhos eram extremamente comuns. Eu não poderia dizer que ela estava fazendo aquilo para me agradar pois parecia estar sendo incrivelmente verdadeira, e apesar de achá-la fisicamente encantadora, não expressei em voz alta. Na verdade, analisando agora ela era tão esplêndida que não parecia real.

– Beleza é algo subjetivo- respondi por fim.

– Ah, sim! Na verdade esse é outro mistério humano para se desvendar! São muitas opiniões do que se pode achar atraente, agradável, interessante, saboroso, engraçado... Uma única coisa pode causar sensações e opiniões tão diferentes! Eu amo como as pessoas são singulares, como simplesmente gostam de coisas que outros podem não gostar, sem nem conseguir explicar exatamente o porque.

– Por quês são complicados demais, eu suponho. Na verdade eu acho que a maioria das coisas simplesmente não tem explicação. Não tem sentido.

O sorriso dela de repente murchou:

– Mas então o mundo seria muito triste! Só aceitar e ignorar pluralidades tão interessantes torna a vida sem graça, e no fundo, as reflexões vão continuar em você, por mais que você tente as afastar.

– Mas talvez seja simplesmente inútil buscar uma resposta.– Dispus-me a defender o que andara sentindo, teimosa.

– Pois eu acho que não! Eu acho que é isso que te motiva, que te faz acordar todos os dias e explorar o mundo. Por que em uma manhã todos vão se levantar e você não



estará mais aqui, e talvez pensando nisso você entenda que é preciso aproveitar enquanto há tempo.

– E como você sugere que eu faça isso? Já parou pra pensar que talvez nem existam respostas pra seja sei lá o que você esteja procurando?

– Eu não acho que existam respostas concretas – ela começou – Na verdade, as respostas para o que possamos procurar podem significar diferentes coisas para cada um. Mas a verdade é que você só vai conseguir tranquilizar suas dúvidas sobre a vida se sair e viver! Se verdadeiramente se permitir existir!

Fiquei calada. Eu não sabia como havia me metido ali, mas aquela garota me trouxera uma solução para conflitos que eu sabia que não conseguiria chegar sozinha com toda a negatividade que me rodeava. Só me lembro do silêncio, e de logo me despedir e ir embora. Me assustava como alguém tão excêntrico poderia estar correto. Me assustava que talvez eu tivesse passado tempo demais me remoendo interminavelmente, meus pensamentos em um ciclo sem abertura, sem saída, que não me levaria a lugar algum. Depois dessa noite continuei pensando. Nunca tive notícia da menina que encontrei, ninguém por perto a conhecia, como se ela nunca tivesse existido. Continuava me lembrando dela porém, por muito tempo, continuava pensando no que dissera. Aquela noite foi real, os ponderamentos foram reais. E algo que eu percebi depois foi que talvez, aqueles ensinamentos também fossem coerentes. Me levou tempo, passaram-se dias, semanas. Mas aos poucos foi se aproximando mais, aos poucos entendi. Entendi que sim, existe um valor em não desistir, existe um valor no subjetivo. Vale a pena buscar os sentidos enquanto há tempo, enquanto se está vivo. A vida, o mundo, tudo que nos cerca, afinal não passa de uma grande ampulheta contando o tempo que se esgota, que se vai, que se perde e se aproveita, mas onde na areia estão enterrados muitos segredos, muitos tesouros. E cada um de nós pode ou não adotar a missão de encontrar suas respostas.





A MÁSCARA DE CERA

O sótão da casa sombria tinha cheiro de madeira mofada, era escuro, porém era poupado da noite eterna pela pequena janela empoeirada com cortinas que, um dia, haviam sido brancas. Ao seu lado, uma mesa e uma cadeira de madeira, onde se encontrava um ser que fazia um silencioso, rítmico moldar. O artista construía sua obra, sua reflexão do que via por aquela janela: seus olhos para o mundo. Olhava para as pessoas, moldava sua máscara; olhava para os menores traços de beleza, moldava o formato de seu novo rosto; olhava as imperfeições de cada desconhecido, e moldava sua máscara de cera.

O cheiro da cera alva intoxicava suas narinas, porém ele continuava sem deixar-se levar pelos despropósitos da vida, um erro, e seria o fim de sua utopia. Sem distrações, o artista fazia seu trabalho durante dias e noites. Assim, passaram-se três anos de observação e esforço para chegar a sua obra divina, estava pronta!

– Acabei! Agora só me resta a sobrepôr sobre meu rosto para tornar-me o que mais desejo: um ser normal aos olhos do mundo. Finalmente, liberdade! Finalmente, utopia!

Enquanto a máscara se aproximava lentamente de seu rosto, ele sentia cada parte de si se esvaindo no vento, todavia, de repente, não havia nada além do breu.

O artista acorda no dia seguinte, e não encontra sua obra prima, ele entra em desespero! Começa a procurá-la freneticamente, sai do sótão e revira sua casa empoeirada, com pragas para todos os lados e móveis que desenterram memórias antes apagadas. Nenhum sinal da máscara.

– Minha obra! Minha perfeição, foi roubada! Não sinto nada, continuo o ser estranho que sempre fui! Como poderei sair na rua? O que pensarão de mim? Não posso, não devo! Agora o que me resta!? A solidão e o escuro de meu quarto?

Após isso, ele nunca mais foi o mesmo. Não comia, não dormia, não sonhava com uma utopia. Ele estava vivendo uma distopia de ilusões enquanto olhava o teto de seu quarto cercado por teias, imaginárias ou reais? Ele se afundava nos lençóis embolorados, se perguntando para onde havia ido a imagem da perfeição.

– Deus tirou minha primeira luz de felicidade. Mas por que Deus? Se sabias que eu era fraco! Já não posso viver, mas a morte não me leva, estou preso nesse ciclo interminável de incertezas.



Perante tanto sofrimento, ele finalmente fez uma decisão:

– Não aguento mais esperar pela morte, porém, antes de cessar minha vida nesse mundo cruel, devo ir ao sótão para recordar-me de meu último momento de felicidade.

Ao chegar em sua mesa, sentou-se na cadeira, já quase toda dominada por brocas. Olhou para janela, porém estava muito empoeirada, o artista passou, levemente, sua mão no vidro e abriu uma brecha para o mundo exterior. Contudo, ele vê uma imagem que lhe espanta! Ele cai da cadeira incrédulo. Após recuperar-se, levanta-se e olha, novamente, para o vidro para averiguar se seus olhos não haviam o atraindo. Mas não! A máscara estava lá! Em seu rosto! No entanto, não era bela, pelo contrário, era a imagem mais deplorável que ele já havia visto, ele via uma máscara mortuária. A cera não era mais alva, mas sim, da cor das profundezas do inferno. O artista não aguentou aquela imperfeição em seu rosto e removeu a máscara rapidamente, entretanto, ela reaparece em sua face. Ele tenta de novo e de novo e de novo, mas ela renasce, como se estivesse incrustada nele.

De fora da janela, uma menina observa um homem magro, de cabelos brancos, tocando, desesperadamente, seu rosto nu.





JOÃO E MOÇA DAS CORUJAS

O cenário é Santa Cruz, uma pequena cidade no interior do Espírito Santo. O ano é 1966 e, embora fosse um ano de Copa do mundo, o único acontecimento que permeava o local era o Baile da Primavera.

João Vina, nosso personagem, era um típico santacruzense. Um homem simples e esforçado, que trabalhava como caseiro na grande casa do Doutor Adilson, músico e médico da cidade.

Naquele dia, o rapaz acordou ansioso. Repassava na cabeça, sua lista de afazeres: trabalhar, ir ao atelier da Sandra, cortar o cabelo e, enfim, se arrumar para o Baile da Primavera.

Sim, João Vina queria estar apumado. Meio-dia em ponto, pegou sua bicicleta, comeu uma marmita no Bar do Tião e seguiu para a loja da Sandra. Lá, comprou uma camisa cinza de cetim e buscou uma calça preta com pregas marcadas, que havia deixado para fazer bainha.

Já em casa, antes do banho, ligou o rádio e se deitou na soleira da porta. Levantou no susto. No rádio tocava “Ave Maria”, ou seja, eram, dezoito horas. O baile estava marcado para dali a uma hora.

Tomou banho frio, fez a barba e passou uma goma brilhante no cabelo. Vestiu com entusiasmo sua camisa nova e estranhou a bainha da calça. Repassou sua lista, conferiu o dinheiro na carteira e foi.

O baile começou. Vina dançava e, por mais que rodopiasse, a goma mantinha seu cabelo impecável. Ao passo que ia para o centro do salão o calor o fazia transpirar e camisa cinza de cetim começou a ficar com marcas de suor. João percebeu e foi para fora do prédio, em busca de um pouco de vento.

Os olhos passeavam pela rua e notou uma moça que nunca havia visto na cidade.



- Deve ser moça de Vitória. - pensou alto, referindo-se à capital.
- Tão bom, quando tem alguma coisa, aqui em Santa, né? – disse ela.
- lá! – assustou-se João, com uma expressão típica de um santacruzense.
- Você é o Vina, né?
- Sou. Como você sabe? Qual seu nome?
- Ah, todo mundo se conhece em Santa Cruz. Eu sou Rosilda.

A conversa fluiu rápido, Vina e Rosilda continuaram na calçada, do outro lado da rua. O baile acabou, as pessoas deixaram o salão. Passavam pelo casal, cumprimentavam somente João e se despediam.

– Não é muita gente que conhece você, aqui. – constatou João.

– Muita gente nova. Sou do tempo dos antigos. – respondeu ela com uma gargalhada.

João, encantado pelo jeito de Rosilda, se ofereceu para acompanhá-la até em casa, mas a moça recusou. Ele muito insistiu, sem sucesso.

Combinaram, então, de se encontrarem na praça, no fim do dia seguinte. Seguiram em direções opostas. Alguns passos e João olhou para trás. Não mais avistava Rosilda e concluiu que ela virara pela rua da praia.

Naquela noite, Vina dormiu lembrando da risada de Rosilda e do seu jeito de contar histórias e da coleção de corujas em miniatura que possuía.



Acordou cedo, trabalhou na casa do Doutor Adilson, tomou um banho ali no serviço e foi para a praça, encontrar a moça.

O tempo passou, o sino da igreja tocou anunciando a missa e nada.

– Talvez passou mal. Ou será que eu falei algo que ela não gostou? Será que veio até aqui, me viu na luz do dia e me achou feio? – se indagava o rapaz.

Rosilda não apareceu e João Vina nunca mais a viu ou sequer ouviu falar dela. Questionou alguns amigos que estiveram no baile, mas eles não se recordavam da moça.

No final do ano, a família do doutor Adilson convidou Vina para a ceia de Natal. Lisonjeado e meio sem jeito, o jardineiro aceitou.

Após o almoço, aguardando um café e a sobremesa, Vina reparou em uma cristaleira com pequenas xícaras e uma coleção de corujinhas.

– A senhora sua esposa gosta de corujas, Dr. Adilson? – perguntou João.

– Gosta. – respondeu o médico – A tia da minha esposa tinha uma coleção enorme e, quando faleceu, ficou para a família.

– Qual era o nome dela? – indagou Vina, sentindo uma ansiedade.

– Da tia? Piu. – respondeu o médico, abrindo a cristaleira para mostrar a coleção.

– Piu?! Igual piado de passarinho? – continuou João.

– Isso: Piu. Bem, todos a chamavam assim, aqui em casa. Curioso, né? – disse o médico.

O caseiro, perdendo a cerimônia, tocou algumas corujas e notou que havia, no canto, uma foto amarelada, onde uma jovem carregava um bebê.

O coração de João Vina disparou. Ele reconhecia aquela jovem!

– Quem é essa, doutor Adilson? – Perguntou Vina, afoito.

– Essa sou eu, ainda bebê, no colo da Piu. – respondeu dona Wanessa, esposa do doutor Adilson, se aproximando, pegando a foto e virando o verso.

– Isso, mesmo. Minha tia querida. E, vejam só, foi a última fotografia que fizeram da Piu. Sei pela data. – respondeu dona Wanessa, pensativa.

Vina, fingindo naturalidade, pega a fotografia delicadamente, vira o verso e lê em voz alta. “Para minha pequena corujinha, uma lembrança nossa. Com amor e beijos, tia Rosilda. Santa Cruz, 1916”.

Dona Wanessa serve uma xícara de café e reforça:

– Ano em que a Piu faleceu.





(IN)CONSCIÊNCIA

Me sentia leve. Parecia que estava no espaço. O vácuo e a falta de gravidade, mesclados à imensidão do universo, me faziam sentir livre. Essas sensações pareciam tão sólidas que, por um segundo, acreditei estar em órbita ao redor de algum planeta...

Eram nos momentos de brincadeira com a Isa que eu voltava ao espírito infantil e me lembrava das coisas de menina. Ela, uma sonhadora astronauta, me fez construir capacetes com caixas de papelão e espaçonaves com os móveis da sala. Era danada ela! Ainda consigo ouvir seu riso de moleca ao pular de um sofá para o outro... Sua nave ia de encontro aos alienígenas, que, na verdade, eram suas pelúcias. Coitados! Tinham de fazer os mais variados papéis, desde forasteiros do velho oeste até clientes do seu restaurante. Nessa brincadeira, eram alienígenas que a atacavam. Enquanto ela se defendia, eu só a admirava, buscando uma forma de emoldurar aquele simples momento. Muitos podem banalizá-lo, mas eram nesses pequenos detalhes que meu amor por ela crescia. Ela era minha esperança, meus medos, meu orgulho, meu tudo...

Para minha tristeza, tudo se dissipa. Os bipes da máquina voltam e a dificuldade de respirar vem à tona. Tento inspirar fundo, mas a dor é maior, então desisto de lutar contra algo que parece estar sobre mim, um peso por todo o corpo. É doloroso, mas não mais que o peso da realidade. Abro os olhos vagamente, mas as luzes e o branco do quarto me cegam. Então volto à escuridão.

Recobrando a consciência da minha condição, lembro de tudo, e então a dor redobra. A angústia no peito, que eu não sentia havia anos, e ultimamente estava recorrente, volta como uma avalanche de sofrimento e tristeza. Saber que não há nada que eu possa fazer torna a situação ainda pior. Sentir meu corpo já não é privilégio. Tudo dói. O ambiente me sufoca. Até mais do que o respirador, que, na verdade, me mantém ligada a esse mundo...

Mas não posso fraquejar. Ainda precisam de mim; não terminei minha missão. Se o que me resta são pensamentos, então deles tirarei força. Penso na minha família, no quanto minha ausência deve os abalar, que não haverá alguém para cuidá-los caso eu vá para o além. Isa, já quase adulta, deve estar tomando conta de mamãe, provavelmente escondendo dela a real situação. Sei da força que possuí, é filha minha. Mas por dentro, leva medo e apreensão. Deve até ter medo de ligações, para o caso de receber uma daquelas indesejadas. Os estudos, provavelmente, vão mal. Saber que estou comprometendo seu futuro me faz querer levantar daqui e ir correndo até ela. Mas não posso. Não consigo. A única coisa que não deixarei de fazer é lutar.

Mamãe, por outro lado, não é boba. Ninguém dessa família nasceu com pulso fraco. Sei que deve estar falando para Isa que tudo vai ficar bem. Mas nem eu mesma sei se vou, enfim, só cabe a Deus e à medicina saber o resultado... Tudo isso fica girando e girando no único local onde tenho controle: minha mente. A mente humana é poderosa, faz coisas sem explicação. Se meu próprio estado já não faz sentido, então só resta a ela me tirar daqui. As reflexões da consciência parecem uma eternidade. Mas sou retirada desses devaneios com sons pelo quarto. Quando o médico e a enfermeira entram na sala, tento prestar atenção às suas vozes, afinal, talvez eles possam dizer algo sobre a minha situação. Doutor Alberto é o primeiro a falar:

– Bom, parece que ela está estabilizando. Márcia, cheque os níveis de oxigenação e verifique a dosagem dos medicamentos. Vamos ver como a Neusinha está hoje...



– Ok, Doutor – responde Márcia.

– Bom dia, Neusinha... – Ele se senta ao lado da cama e pega na minha mão. Sempre atencioso. Tenho sorte de estar sendo acompanhada por ele. É um dos melhores do hospital.

– Sentimos sua falta na equipe, sabia? Continue assim, o tratamento está tendo bons resultados, comparado aos últimos dias. Ainda é grave, não vou mentir. Todos perguntam por você. É tão engraçado vê-los lembrando de suas brincadeiras... Está complicado aqui, no hospital... Tem gente chegando todo dia e o pessoal tá correndo para atender a todos. Depois que você e o Antônio tiveram Covid, três enfermeiros também ficaram doentes, não queremos per... – Há um momento de silêncio, então ele volta a falar. – Mas vamos melhorar. Tenha fé, Neusa, estamos todos torcendo por sua melhora. Agora tenho que ir, preciso avaliar alguns pacientes antes de terminar o plantão. Mas temos surpresa, a Márcia ficará aqui e ligará para sua filha hoje! Olha que coisa boa!

Ele se levanta e então não o ouço mais. Seja pela voz baixa, seja pelas emoções que me afloraram. Todos estão contando comigo. Eu deveria estar por esses corredores, cuidando dos pacientes... Mas me encontro aqui, entubada, entre a vida e a morte, sem poder agir... E minha filha... não quero que me veja assim, mas sinto sua falta. Não a ter por perto é como se um pedaço do meu corpo fosse arrancado. É por ela que me mantenho forte, lutando contra esse maldito vírus.

A enfermeira traz um tablet ligado à videochamada. Meu coração, antes fraco e triste, se empolga e dispara. Ver seu rosto, por um instante, já basta para que eu me preencha de felicidade e retome as esperanças de reencontrá-la. Estou tão afoita que lágrimas brotam do meu rosto.

– Ôôô mãezinha, não chora, eu tô aqui, viu? Se recupera logo para voltar para casa, já estamos com saudade de você. Olha a vovó, tá aqui assistindo TV. Dá um oi pra mamãe, vovó! – Sua voz embargada entregava que ela havia chorado pouco antes. Mamãe acena.

– Ooiii, minha filha! Que Deus te abençoe para você vim ver a gente. – Poder vê-las me trouxe alívio. Não há nada no mundo que eu ame mais do que essas duas. Queria tanto poder tocá-las, estar em casa, abraçá-las... Tento dizer algo, mas nem a emoção faz meu corpo reagir. – Tô morrendo saudades, melhora logo, tá? Estou orando todo dia aqui por você.

– É, todo mundo aqui da vizinhança tá orando pela senhora, nós te amamos muito, minha mãe. Fica bem, beijo! – Isa se despede e tento enviar meus sentimentos pelo olhar, sinto que ela os capta. Ou pelo menos é o que desejo.

A enfermeira finaliza a ligação. Ainda está mexendo nos aparelhos, mas já não me importo. Romper essa conexão, mesmo que digital, me faz retornar às dores. Não quero morrer, mas é necessário que esse lamento cesse. Se minha situação não tem chances



de melhora, de que adianta? Meu estado já causa males a todos... Ou deveria eu me esforçar, exatamente por esse fato? Entre dúvidas e devaneios, recorro à minha única certeza: Deus. Sei de seu poder infindável. Se esse for meu momento de o encontrar, que então aconteça. Mas se ainda tem propósitos a mim, que Ele me tire disso. A dúvida me consome. A incerteza me abala. Preciso de respostas.

Meu coração, tão vibrante e corajoso entre plantões difícilísimos e inesperados, decide não responder. Se foi resposta divina, nunca saberei. O que me vem à mente é a luz, branca e serena, emanando em minha direção. Entre médicos correndo e desfibriladores, a paz me atinge. Não há mais dor. Tudo se torna claro. Os pensamentos, conturbados e violentos, vão-se embora. Agora serei livre, me sinto leve, e a sensação de estar no espaço retorna....

Meu coração dispara e levanto da cama. O quarto ainda está escuro, cortinas fechadas, mas sinto como se estivesse em um ambiente iluminado. A respiração acelerada e a estranha sensação pelo corpo me atingem. Depois de alguns minutos repassando o momento onírico, tentando assimilar tudo, consigo me acalmar. “É isso, Eduardo, foi só um sonho, você está em casa, tudo ok. Mas, cara, que bizarro, está tudo muito detalhado pra ser mentira. Não pode ter sido só sonho. Será que é um teste psicológico? Ou eu fui hipnotizado? Quer saber, melhor dar um jeito nisso.”

Levanto e vou ao banheiro. Andar se tornou algo estranho. Deve ser porque dormi mal. “Não pira, você não está em uma simulação”. Lavo o rosto para afastar as teorias malucas. Me olho no espelho e está tudo como deve ser. “Ok, tudo certo”. Vou à sala e ligo a televisão para ver se há algo interessante. “Os números de mortes pela COVID-19 ultrapassam 160 mil no Brasil... Médicos da cidade de São Paulo alertam os usos da cloroqui...”. Mudo de canal. “O Instituto Butantan em processo de aprovação da vacina Corona...”. Só as mesmas coisas, melhor desligar esse troço.

Abro o celular, já de rotina. Tento pensar nos Tik Toks para postar hoje. Talvez esse sonho possa render conteúdo. As pessoas gostam de coisas sobrenaturais assim. Tá aí uma boa ideia... Abro o Instagram, nada muda: mortes, coronavírus, máscara, esse saco não acaba nunca! Twitter só tem o povo brigando por política, defendendo esse povinho comunista. Não aguento mais.

Começo a escrever meu primeiro tweet: “Já acordando no caos. Tive um sonho bizarro”. Espero que isso renda algum engajamento. No Whatsapp, não é diferente. Conversas de amigos, brigas no grupo da família, o assunto, todos já sabem: política, novamente! Dessa vez, nem vou abrir, pra não me estressar. Quando vejo mensagem do Lucca, ligo pra ele. Ao atender:

– E aí, Lucca! Tudo beleza? ... Então, vi sua mensagem aqui, cara, tá tudo certo pra festa de hoje à noite? Tô louco pra ver a Marina, mano, mó gatona, bicho! Precisa de teste pra ir ai não, né?... Ah tá, achei que fosse com um daqueles paranoicos, de máscara e tal...



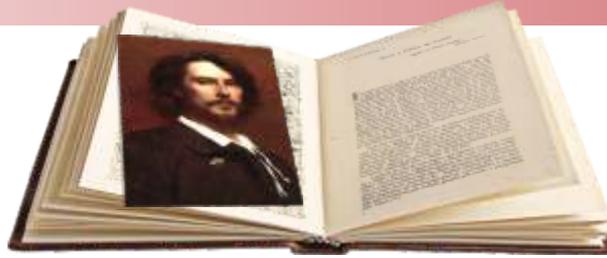
FLOR QUE SE CHEIRE

O sobrado era grande, antigo, muito solitário também. Durante toda a infância e agora na adolescência, teve como único companheiro o avô materno. Entendia que ele havia feito o melhor que pôde para criá-la depois que a filha morreu no parto e o genro os abandonou. Era um tanto restritivo, porém a intelectualidade comum a ambos sustentava a relação. Por ser educada em casa, foi privada da convivência com outras crianças. Ocasionalmente, recebia visitas de parentes e amigos da família. Contudo, não tinha o hábito de fazê-las, principalmente aos vizinhos. Crescida, já havia se acostumado à inércia esmagadora de sua vida.

Com frequência, caminhava durante as tardes nos grandes jardins da propriedade, observando a redoma de folhas escuras que as árvores formavam ao seu redor. No entanto, dessa vez, o cenário era diferente. Havia um garoto de sua idade próximo ao grande portão de ferro forjado. Vendo a surpresa em seu rosto, ele a chamou, dizendo: “O que acha das flores? Vi como olha para elas.” Se referia ao pequeno, mas bem cuidado jardim da casa logo abaixo na encosta. Ela sempre havia se perguntado quem era o responsável por lhe proporcionar aquele sentimento de conforto, mesmo à distância. A resposta estava à sua frente. Tinha os mesmos cabelos castanhos que ela. Os cachos, porém, eram mais curtos e largos. Quebrando o silêncio, ele se introduziu e insistiu: “Caso queira, posso te levar até lá para vê-las.” Ela retornou à realidade com o convite, e, movida pela curiosidade, apresentou-se e assentiu.

Chegando ao jardim, a cor e o perfume inebriantes conduziram-na a mais simples das flores. Intrigado com esse movimento, ele lhe perguntou: “O que a faz gostar dessa em específico?” Respondeu-lhe que a palidez em meio ao colorido a tornava única. “Certo. Pergunto, por que a campânula branca era a flor preferida do meu pai. Ele era jardineiro.” Ao reparar a expressão complacente com a qual ela o encarava, continuou: “Ele morreu antes de eu nascer. Fui deixado à porta dessa casa e criado pela minha tia, que foi quem a herdou. Dizem que ele mexeu com a filha de um homem poderoso, que mandou matá-lo. Sabem que sou da família, pois poucos meses antes, ele havia avisado a todos que seria pai em breve, mas que ainda não podia lhes apresentar à companheira. Talvez já soubesse no que estava envolvido.” Empática à sua história, ela lhe disse: “Moro com meu avô. Meu pai fugiu depois que minha mãe morreu no parto.” Um olhar de compreensão mútua encerrou o assunto e o lago do vale passou a ser o tópico da conversação. Com a chegada do crepúsculo, ela retornou ao sobrado, feliz por finalmente conhecer um vizinho, ainda mais um da sua idade. Assim que a porta bateu às suas costas, deparou-se com o avô, percebendo apenas naquele instante, que não havia lhe pedido permissão.





A expressão do idoso era serena e, em simultâneo, impassível. Levantou uma das mãos e disse: “Que não se repita. Fique longe dos garotos da vizinhança.” Subindo as escadas vagarosamente, a deixou com a justificativa presa na garganta. O avô a queria reclusa quando havia vislumbrado a sensação de liberdade pela primeira vez. Sem qualquer intenção de cumprir a determinação, seguiu para seu quarto. A conversa com o menino a deixara reflexiva. Ele também havia crescido sem a presença paterna. Ao contrário, porém, o pouco que sabia superava tudo o que ela já havia buscado sobre o passado do próprio pai. A informação de que ele a abandonara não a inspirava a aprofundar seu conhecimento para além de uma foto, largada dentro de um livro qualquer no escritório do avô. Cansada pelo dia atipicamente movimentado, afastou esses pensamentos e logo adormeceu.

Numa tarde clara, voltou a caminhar no horário habitual, o que deixara de fazer por um tempo para afastar quaisquer suspeitas por parte do avô. O medo de que seu amigo tivesse desistido de sua companhia foi esquecido ao passar próximo aos portões, de onde ele acenou discretamente por detrás de uma tuia decorativa. Decidiram ir ao lago sobre o qual haviam conversado, sentando-se às margens ao chegar. O canto dos pássaros era alto, mas não o suficiente para sobrepor as risadas que soltaram durante a estadia. Além das águas, o sol refletia em algo preso à boina do garoto. Quando o brilho perpassou seus olhos, a menina lhe perguntou o que o provocava. Levando a mão ao chapéu para soltar um pequeno objeto dourado, ele disse: “Minha tia me deu. Era do meu pai.” Entregou a ela um broche de abelha. Curiosa, questionou a escolha do formato. “Acredito que é porque a campânula, flor favorita dele, atrai muitas abelhas. Elas também representam a cooperação e a lealdade, muito valorizadas lá em casa.” Ela admirou como, apesar de tudo, a família dele era unida. Sentiu um pouco de inveja, triste por não ter uma relação profunda com nenhum familiar. Se perguntou se não tinham interesse nela, ou se a convivência limitada a poucas visitas, era obra do avô. Pela primeira vez, questionou se vivia protegida, ou se sua redoma era, na realidade, uma gaiola.

Quando se despediram em frente ao portão, o avô ainda não havia chegado. Aliviada por, mais uma vez, preservar a justificativa para outra ocasião, foi se lavar. A tarde havia sido adorável: parecia conhecer o vizinho há anos, tamanha a naturalidade de sua tão recente amizade. Relembrava a conversa à margem do lago, durante a qual trataram dos mais variados assuntos. Discordaram a respeito de um fato histórico, e ela o prometeu que verificaria em um dos livros que possuía. Bateu na porta antes de entrar no escritório, ao reparar que o avô retornara. Sua entrada foi autorizada por uma voz séria, seca. O cômodo escuro refletia a personalidade rígida do ocupante e as obras nas paredes, seu poder aquisitivo. A maior moldura era uma foto dele próximo à filha, provavelmente em final de gestação, considerando sua barriga. A atmosfera intimidadora a fez questionar se valia a pena manter o segredo. Cumprimentou-o, e, para resistir ao impulso, se dirigiu rapidamente à prateleira de livros de História. Não sabia ao certo qual era o exemplar. Escolheu um mais antigo, a capa encardida. Ao abri-lo, uma foto caiu. Do chão, um homem de cachos castanhos usando um broche de abelha a encarava.





A GAROTA NO EXÉRCITO

O ano era 2059. Amber tinha 19 anos e esperava ansiosamente para o seu primeiro dia no exército. Esse era o seu sonho desde a infância, tendo como inspiração a sua mãe, que lutou bravamente defendendo seu país em diversos ataques e morreu 3 anos antes. Amber era uma mulher forte, curiosa e perseverante, portanto, sempre deu tudo de si para os exercícios físicos e estudava constantemente todos os tipos de coisa que se possa imaginar para que, um dia, pudesse se tornar igual a sua mãe.

O grande dia chegou. Era uma manhã quente na Califórnia, o que fazia Amber pensar, logo ao acordar, que estava com toda a sorte do mundo e tudo ia dar certo. Tomou banho, se arrumou, e desceu para tomar café. Avistou seu pai na decida das escadas, que a esperava com um sorriso no rosto de quem estava vendo a sua filha se tornar uma mulher incrível e independente.

– Você é igualzinha a ela. Tenho muito orgulho de você. – Disse ele carinhosamente.

Amber agradeceu, dando um beijo no rosto do mais velho antes de pegar o seu café e sair, a fim de não se atrasar para o seu primeiro dia. Ao chegar na base militar, os oficiais superiores de Amber a colocaram para realizar uma série de exercícios práticos, junto aos seus colegas de campo, com o objetivo de escolherem os melhores soldados para serem enviados ao posto mais avançado, em que se era necessária uma equipe forte para defender o local.

Eles foram postos em uma fila, sendo Amber umas das últimas. Cada um deles ia movimentando seus corpos por entre os obstáculos, escalando paredes quando necessário e atirando nos alvos estabelecidos. Todos eram homens, exceto pela garota. Ela, bravamente, realizou as atividades propostas em um tempo consideravelmente rápido. Contudo, vivendo ainda em uma sociedade machista, a escolha dos soldados não foi totalmente imparcial. O preconceito contra as mulheres no exército ainda era forte, principalmente entre os oficiais mais velhos.



Mesmo não estando entre os escolhidos, Amber estava determinada a provar seu valor para todos. Portanto, após saber onde dormiria, se retirou para o seu dormitório. Ela já imaginava que o dia seguinte seria desafiador, mas ela tinha um plano, seria a mais inteligente e corajosa entre os novatos. Por ter crescido com uma mãe no exército, sabia como seria difícil e sabia também os desafios que os oficiais lançavam para os iniciantes. Um deles, se consistia em uma corrida que envolvia a escalada de uma montanha meio íngreme em que teriam que descansar durante a noite em algum abrigo que encontrassem, pois a distância a se percorrer era longa.

Amber, pensando no que aprendera durante seus anos de estudo de sobrevivência, adormeceu. Na manhã seguinte, ainda escuro lá fora, acordou e se preparou para o que estava por vir. Os oficiais explicaram a tarefa que teriam que passar nos próximos dois dias. Era uma longa jornada e eles tinham que sobreviver com os poucos recursos que tinham: uma faca pequena, que mal servia para matar animais de pequeno porte, uma bússola para se orientarem em meio a névoa da montanha, uma corda e uma garrafa de água.

Os novatos foram postos em diferentes posições ao redor de toda a montanha com o objetivo de alcançar o topo e hastear uma bandeira para que, assim, o ganhador escolhesse a área que gostaria de trabalhar dentro do exército. Amber sabia que era uma oportunidade única e estava otimista, mas ansiosa ao mesmo tempo. O alarme soou, todos deveriam começar a jornada. A garota, determinada, se preparou para escalar e caminhar. Os primeiros metros não foram difíceis, o ar estava rarefeito, e o clima agradável. Contudo, depois de algumas horas, comendo alguns frutos que estavam pelo caminho, estava anoitecendo, portanto, Amber deveria encontrar um lugar para passar a noite.



Ao olhar mais adiante, viu-se diante de uma entrada escura, que percebeu ser uma espécie de caverna. Fazendo uma tocha improvisada com pedaços de madeira, Amber entrou e procurou por vestígios de algum animal que pudesse viver ali. Não os encontrando, resolveu acomodar-se. Ela sabia que se alguém, ou algo chegasse, faria barulho e ela acordaria, uma vez que tinha sono leve com tanto tempo de treinamento preparatório para tais circunstâncias. Ao acordar, se alongou, por conta da posição que adormecera. Viu que já estava claro, e, portanto, era hora de continuar a caminhar a escalar.

Pensando que as maiores dificuldades já haviam acabado, Amber foi surpreendida por um urso. De início não percebeu que era, de fato, um animal, confundiu sua pelagem com parte do cenário. Ficou imóvel, não querendo assustar a criatura. Delicadamente, sacou a faca que levava consigo. Analisou rapidamente suas opções: se corresse, o animal a ouviria de imediato, a perseguiria e a mataria utilizando seus dentes como arma e se ficasse, teria que lutar, o que não seria fácil, uma vez que sua faca de pequeno alcance a faria lutar de perto, logo, ficaria mais exposta aos dentes e garras do animal.

Optando pela segunda opção, Amber se preparou para lutar. Se aproximou com movimentos suaves por trás do animal, mirando em um ponto específico do pescoço. Tudo aconteceu muito rápido. Graças ao treinamento que teve, a garota logo havia matado o urso, que se encontrava no chão. Não perdendo mais tempo, continuou a tarefa.

Amber começava a ter dificuldades para respirar, mas não desistia. Perseverava, lembrando de todas as lições que sua mãe lhe ensinou. Olhou para cima e vislumbrou o cume da montanha. Maravilhada, hasteou a bandeira. Depois de alguns instantes, um helicóptero surgiu em meio a névoa e pousou. Um homem, que ela reconheceu sendo um dos oficiais do exército, desceu do veículo e a congratulou, dizendo que ela havia sido a primeira e única a completar a tarefa, pois os outros participantes desistiram no meio do caminho.

Amber, exausta, simplesmente adentrou o helicóptero. Finalmente poderia se dar ao luxo de um descanso apropriado. Eles voltaram para a base militar. Quando chegaram, uma comoção de pessoas esperava a garota vencedora. Escutava-se inúmeros “Parabéns!” em meio a um coro de vozes a congratulando pelo feito incrível. Ela, feliz pelo reconhecimento, se dirigiu ao oficial responsável pela tarefa, afirmando que gostaria de trabalhar na infantaria, a mesma área que sua mãe havia trabalhado. O oficial, assentindo, a dispensou dizendo que poderia descansar pelo resto do dia. Amber, realizada, se retirou para o dormitório, mas antes ligou para seu pai, pelo telefone da base, contando a boa notícia.

– Sempre soube do seu potencial e fico feliz de ver você lutando por aquilo que acredita. Tenho certeza que sua mãe estaria muito orgulhosa. – Ele afirmou.





Beatriz Mendes
Pontes de Arruda



João Victor
Giuberti Coradini



Maria
Freitas Schulte



Maria Eduarda
Spagnol Cunha



Rafaela
Rabinovitch



Davi
Bressan



Isabella
Dias Torezani



Isabelle Mayumi
Irie Da Motta



Francisco Moreira
Cardoso Mori Vieira



Luiza
Souza Rubim



Catarina Barros
Bastos Santos



Heloisa
Cavalcanti Oliveira

*Uma palavra escrita
é a mais fina das relíquias.*

(Henry Thoreau)



CENTRO EDUCACIONAL
LEONARDO DA VINCI

www.davincivix.com.br | [✉ davinci@davincivix.com.br](mailto:davinci@davincivix.com.br) | [f /davincivix](https://www.facebook.com/davincivix) | [@davinci.vix](https://www.instagram.com/davinci.vix)

Rua Elias Tommasi Sobrinho, 154 - Santa Lúcia - CEP 29056-910 - Vitória - Espírito Santo - Brasil - Tel.: + 55 (27)3334-6300